

A presença (in)visível da água na paisagem e nos percursos turísticos do Geoparque Algarvensis na região do Algarve

The (in)visible presence of water in the landscape and tourist routes of the Algarvensis Geopark in the Algarve region

Paula Gomes da Silva
Universidade do Algarve; LEAF-U. de Lisboa; CEAT-U. Algarve
pgsilva@ualg.pt

Desidério Batista
Universidade do Algarve; CHAIA-U. de Évora
dbatista@ualg.pt

Resumo

Este artigo pretende contribuir para a definição e compreensão do papel e importância da água no processo histórico de construção e transformação da paisagem do Geoparque Algarvensis, em particular da sua paisagem cársica, vinculada ao Barrocal algarvio. Associada à literatura e à ideia de percurso literário, esta paisagem poderá ser o suporte de novos modelos de turismo, fundamentais para a região e para as populações locais. Para o cumprimento deste objetivo, a investigação desenvolve-se em torno de quatro temas. O primeiro tema corresponde à caracterização da paisagem da água (visível e invisível), considerando a inter-relação entre os fatores naturais (clima, geologia, relevo, solos, vegetação). O segundo tema relaciona-se com a humanização do território e a gestão e uso dos recursos hídricos pelas comunidades locais. De seguida, incide-se na apropriação turística da água enquanto forte elemento de construção da paisagem que o Geoparque

Algarvensis dá a conhecer mediante os inúmeros percursos de interpretação sinalizados no território. Termina-se identificando, ainda de modo exploratório, eventos literários, obras e autores que poderão aliar-se aos percursos existentes e a propor para incentivar o turismo literário. No âmbito do presente estudo sobre a paisagem e o património da água no Algarve calcário, utilizou-se uma metodologia de investigação que cruza as fontes bibliográficas e documentais com narrativas de escritores (romancistas, novelistas e poetas), onde a presença da água (superficial e subterrânea) cria paralelismos com a paisagem algarvia. No presente artigo, a água é abordada sob diferentes perspectivas que se inter-relacionam, articulam e complementam. Utiliza-se uma abordagem integradora entre ciência e arte no âmbito das análises biofísica e histórico-cultural da paisagem da água do Barrocal e da sua (re)descoberta turística enquanto recurso fundamental na (re)afirmação da memória e da identidade coletiva da região algarvia.

Palavras-chave

Paisagem cársica • Geoparque Algarvensis • Barrocal
• Turismo literário

Abstract

This paper aims to contribute to the definition and understanding of the role and importance of water in the historical process of construction and transformation of the Algarvensis Geopark landscape, in particular its karst landscape, associated with the Algarvian Barrocal. To achieve this objective, the research is developed around four main themes. The first theme corresponds to the identification and characterization of the water landscape (visible and invisible), considering the inter-relationship between natural factors (climate, geology, relief, soils, vegetation). The second theme is related to the humanization of the territory and the management and use of water resources by local communities. Next, we focus on the appropriation of water for tourism, as a strong element in the construction of the landscape that the Algarvensis Geopark makes known through the numerous interpretation routes signaled in the territory. It ends by identifying, still in an exploratory manner, literary events, works and authors that could be allied to the existing routes and those to be proposed to encourage literary tourism. Within the scope of the present study on the landscape and the water heritage in the calcareous Algarve, a research methodology was used that crosses bibliographic and documentary sources with narratives by writers (novelists and poets) in which the presence of water (superficial and underground) creates parallels with the Algarve landscape. Therefore, in this article, water is approached from different perspectives that interrelate, articulate, and complement each other. An integrative approach between science and art is used in the context of biophysical and historical-cultural analyzes of the Barrocal water landscape, and its tourist (re)discovery as a fundamental resource in the (re)affirmation of the Algarvian region's collective memory and identity.

Keywords

Karst landscape • Algarvensis Geopark • Barrocal •
Literary tourism

Introdução

A relação entre literatura e turismo, explorada na investigação dedicada ao tema, já demonstrou que

a literatura é um promotor do turismo cultural e, em particular, do turismo literário (Quinteiro & Baleiro, 2014).

O aspirante Geoparque Algarvensis tem como um dos seus objetivos a promoção do geoturismo e do turismo cultural e tem sido, nos últimos anos, objeto de vários eventos e estudos focados na literatura. Este objetivo decorre da missão central do Geoparque que é “a proteção, valorização e dinamização do património natural e cultural, destacando-se o património geológico, através da criação de conhecimento científico e educativo” (Veiga-Pires & Oliveira, 2021: 1). Atividades pedagógicas, científicas e de lazer, associadas ao geoturismo e ao turismo cultural, atraem visitantes e incentivam a descoberta e o reconhecimento da paisagem. As rotas turísticas (pedonais, cicláveis e mesmo viárias) são uma forma de aproximação dos visitantes aos valores naturais e culturais presentes. As rotas ao longo dos cursos de água e nas zonas de geomorfologia cársica divulgam a água visível, a invisível e também as apropriações culturais destas duas condições, expressas, maioritariamente, na paisagem agrícola.

O aspirante a Geoparque Algarvensis, oficializado em 2019, corresponde a uma extensa área de paisagem (cerca de um terço da área total da região algarvia), localizada na zona central e interior da região algarvia, abrangendo territórios dos concelhos de Silves, Albufeira e Loulé. Os geomonumentos presentes e que justificaram a candidatura à UNESCO, bem como a paisagem que o caracteriza, são o resultado da longa relação deste território com a água. Fruto de forças tectónicas e erosivas naturais, as formações geomorfológicas, que hoje se elevam a 589 metros acima do nível médio das águas do mar, estiveram há milhares de anos submersas. Desde o início da ocupação humana do território, cujos primeiros registos remontam a 20 mil anos atrás, também a dinâmica transformadora da ação humana contribuiu, progressivamente, para a criação da paisagem que atualmente caracteriza o território do geoparque. A água, superficial e subterrânea, que marca esta paisagem, semelhante a outras paisagens cársicas mundiais das quais o geoparque é um representante, tem sido objeto de registos na literatura nacional e internacional, nomeadamente no romance, na poesia, em ensaios científicos e também na literatura tradicional.

Assim, a hipótese de investigação que se pretende iniciar com este artigo explora o modo como a relação entre literatura, turismo e paisagens da água (in)visível do Geoparque Algarvensis poderá incentivar o turismo cultural neste território. Para tal, faz-se primeiro uma breve descrição da paisagem cársica do Barrocal inscrita no Geoparque Algarvensis, incidindo no tema da água e estabelecendo-se, desde já, articulações com a literatura nacional e internacional. Ainda neste âmbito, são descri-

tos rotas e percursos de passeio e visita que promovem a descoberta da paisagem da água do Geoparque. De seguida identificam-se relações entre a literatura e a paisagem do geoparque que consubstanciam ou poderão vir a consubstanciar e a dinamizar atividades de turismo cultural. São identificados alguns eventos e projetos que foram desenvolvidos no âmbito do território do Geoparque. Por fim, identificam-se relações da literatura com a paisagem da água do Geoparque e com as paisagens cársicas em geral, abrindo possibilidade de exploração futura da relação entre literatura e turismo na área do Geoparque Algarvensis.

1. Paisagens e percursos da água do Geoparque Algarvensis como base para o turismo cultural

1.1. Breve caracterização da paisagem cársica do Geoparque a partir da relação entre água e literatura

O território do aspirante Geoparque Algarvensis integra áreas de quatro unidades de paisagem, sendo dominantes a Serra e o Barrocal. Contudo, no âmbito deste artigo, consideramos apenas a área do Barrocal pelo papel e importância da água na história natural e cultural da sua paisagem. A esta área associa-se uma rede hidrográfica fecundante (Abreu; Correia & Oliveira, 2004: 200) e um sistema de aquíferos cársicos, entre os quais se destaca o aquífero de Querença – Silves, responsável por algumas das nascentes mais importantes do Algarve Central, nomeadamente a Fonte Grande (Alte), a Fonte de Salir e a Fonte Benémola. A presença do calcário, com a qual se relaciona a presença (in)visível da água, ora em escoamentos superficiais através de ribeiras que o sulcam em vales abertos, ora em lençóis freáticos subterrâneos, condicionaram o processo histórico de humanização do seu território.

Nas paisagens cársicas, que correspondem a zonas de infiltração responsáveis pela alimentação dos aquíferos, o substrato geológico calcário é lentamente esculpido pela ação da água que, ao infiltrar-se e arrastar consigo material mineral, cria um rendilhado de fissuras e cavidades de diferentes formas e dimensões. Algumas destas formações estão ocultas no subsolo, como as grutas e os algares, tendo outras expressões visíveis à superfície, como as dolinas (concavidades) e os lapiás e mega-lapiás (saliências), para cujas formas invulgares a tradição popular encontrou designações variadas como “pia silveira” (dolina), “elefante”, “esfinje” ou “cabeça-de-velha” (mega-lapiás) (Figura 1).



FIGURA 1. Megalapiás da Varejota, Loulé. Formações cársicas e vegetação típica das zonas calcárias. Fonte: <https://geoparquealgarvensis.pt>

Nestas paisagens não existe água à superfície, uma vez que toda ela se infiltra através de sumidouros naturais. Os sedimentos argilosos resultantes da dissolução da rocha calcária depositam-se nas zonas baixas de vale, onde dão origem a solos com boa capacidade agrícola. Nas cotas mais elevadas, os solos são muito pouco evoluídos, dando origem a uma paisagem aparentemente pobre. Sem água e sem solo, estas são, aparentemente, paisagens inférteis, tal como registou Marguerite Duras (1987: 30) na sua obra *Emily L*:

Ao sair da floresta, chegávamos a uma região árida, um vasto planalto em pleno vento, nu, um prado magro, pelado, a perder de vista. A América, dizíamos. A floresta cobre o flanco sul do planalto, mas no planalto há mesmo muito poucas árvores. [...] Não há árvores, a não ser pequenas pereiras enfezadas nos cantos dos prados. Nada cresce por causa do calcário. A veiga é pobre, como os campos. É do calcário. Não retém a água.

Contudo, estas condições, aparentemente adversas, dão origem a habitats naturais e seminaturais únicos, de elevado valor ecológico, legalmente protegidos, tais como florestas de azinheiras (*Quercus ilex* e *Quercus rotundifolia*) e florestas de juniperus (*Juniperus turbinata*) e habitats de orquídeas, entre outros (Gomes & Ferreira, 2005).

Nas cotas mais baixas, a acumulação dos sedimentos argilosos (terra rossa), que contribuem para a impermeabilização do solo, possibilita a existência de ribeiras de vales largos ou encaixados, em cujas margens se instalou a agricultura. Numa região onde a água escasseia, os vales húmidos e sombrios, frequentemente ladeados por galerias ripícolas de freixos,

choupos, tamargueiras e loendros (Gomes, 1998), entre outras espécies, contrastam vivamente com a vegetação de matos termomediterrânicos prédesérticos, de aroeiras, alfazemas, rosmaninho ou tomilhos (Gomes & Ferreira, 2005), características das áreas permeáveis. Aqui, o escoamento superficial, maioritariamente de regime torrencial, é o habitat de inúmeras espécies de flora e fauna que enriquecem a paisagem com a sua biodiversidade e raridade. Em conjunto com as áreas de infiltração, onde a água apenas existe subterraneamente, os sistemas húmidos justificam a integração de cerca de 53% da área do Geoparque em áreas com estatuto legal de proteção para a conservação da natureza (Figura 2).

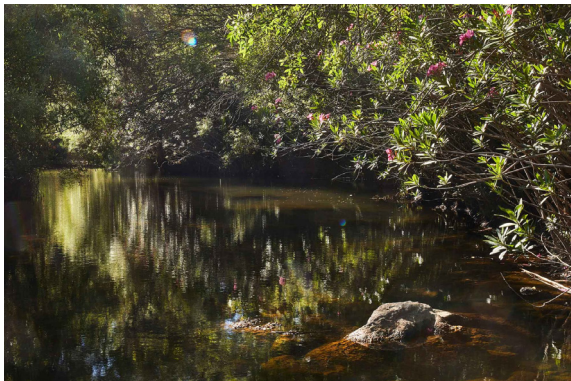


FIGURA 2.
Área classificada da Fonte Benémola, Loulé. Ribeira da Benémola e galeira ripícola. Fonte: <https://geoparquealgarvensis.pt>

Com efeito, no Barrocal, o modelo de organização e gestão da paisagem, baseado na presença e disponibilidade de água, põe em evidência tanto o tipo de povoamento como os usos do solo. Se o povoamento é misto, simultaneamente concentrado em aldeias (de agricultores e pastores) e disperso ao longo das estradas associadas aos vales, no que respeita aos usos do solo verifica-se uma alternância entre os matos calcícolas densos e aromáticos, nas encostas mais declivosas e pedregosas, os pomares de sequeiro (amendoeira, figueira, alfarrobeira, oliveira) e o regadio de hortas e pomares de citrinos nas margens dos cursos de água (Batista & Silva, 2021: 18). Daqui resultou um padrão paisagístico fortemente identitário assente na coerência entre a humanização e as condições naturais presentes, em que a gestão e conservação da água assumem um papel de relevo. Por um lado, a sábia adaptação da atividade agropecuária à escassez e irregularidade das precipitações através de uma agricultura pluvial associada à produção de cereal,

leguminosas, frutos secos e vinho; e, por outro lado, uma agricultura inteiramente artificial baseada na engenhosa captação, armazenamento e distribuição das águas, quer superficiais quer subterrâneas, para a rega de culturas agrícolas que sem ela pouco ou nada produziam (Ribeiro, [1945] 1991: 74).

Assim, no Barrocal, ao regadio e consequentemente à presença (in)visível da água, surgem vinculados quer um património hidráulico de inestimável valor histórico-cultural e etnográfico (açudes, poços, noras, aquedutos, tanques, levadas), quer o povoamento rural (aldeias e casais dispersos em courelas). A este propósito Orlando Ribeiro ([1968] 2011: 79) refere que “toda a horta tem a sua cidade [...]”, pensamento que encontramos plasmado na descrição da cidade subtil de Isaura feita por Ítalo Calvino:

Isaura, cidade de mil poços, presume-se que se situe por cima de um profundo lago subterrâneo. Por toda a parte onde os habitantes escavando na terra longos furos verticais conseguiram tirar água, foi até aí e não para além desses limites que se alargou a cidade: o seu perímetro verdejante repete o das margens escuras do lago sepultado, uma paisagem invisível condiciona a visível ([1972] 2016: 36).

Mas se, na narrativa anterior, a água desenha a (in)visibilidade da paisagem e o perímetro urbano imaginário, também na realidade paisagística do Barrocal a sua ocupação e organização mantêm, historicamente, relações profundamente intrincadas com a presença (in)visível da água. A importância das interdependências e inter-relações na paisagem da água, em que aquilo que não se vê condiciona e determina o que se vê, mereceu a atenção da UNESCO que dedicou o Dia Mundial da Água, celebrado no passado dia 22 de março, ao lema – *Grandwater, making the invisible visible*:

This 2022, the focus is groundwater, an invisible resource with an impact visible everywhere. Groundwater is water found underground in aquifers, which are geological formations of rocks, sands and gravels that hold substantial quantities of water. Groundwater feeds springs, rivers, lakes and wetlands, and seeps into oceans. Groundwater is recharged mainly from rain and snowfall infiltrating the ground. Groundwater can be extracted to the surface by pumps and wells. Life would not be possible without groundwater. Most arid areas of the world depend entirely on groundwater. Groundwater supplies a large proportion of the water we use for drinking, sanitation, food production and indus-

trial processes. It is also critically important to the healthy functioning of ecosystems, such as wetlands and rivers (<https://www.un.org/en/observances/water-day>).

Ciência e arte, literatura científica e romance, governança e socioeconomia familiar partilham conhecimento e interpretações, olhares e atenções sobre um recurso natural que, sendo tão escasso quanto vital, marca quer a agenda internacional, quer o quotidiano das comunidades locais.

Neste processo, torna-se evidente o entendimento específico da paisagem pelas comunidades rurais mediante o uso inteligente e resiliente da água, quer para o consumo doméstico, quer para o regadio. Para isso contribuiu o seu conhecimento do ciclo hidrológico e a constatação de que, decorrente do substrato geológico, a infiltração da água da chuva é favorecida, recargando os aquíferos, e que parte das precipitações que escoam à superfície configura cursos de água de regime maioritariamente temporário e torrencial.

Com base em conhecimentos e saberes antigos, o homem construiu um modelo de gestão e uso dos recursos hídricos meticulosamente adaptado à matriz hidrográfica e hidrológica e às condições edafo-climáticas. A paisagem dos açudes e levadas, associada à utilização das águas superficiais, e a paisagem das noras, tanques e levadas, vinculada à utilização das águas subterrâneas, materializam o poder da água no âmbito da estratégia de subsistência delineada pelas comunidades de agricultores e pastores do Barrocal algarvio.

Efetivamente, e apesar do Algarve ser uma região tradicionalmente de sequeiro, o regadio pratica-se com êxito sempre que existe água disponível (Guerreiro, 1989: 375). É na presença da água ora subtil, ora eloquente que, no contexto de aridez e secura que aparentemente a caracteriza, a paisagem cársica do Geoparque se diferencia, ali “onde as águas se sublevam inesperadas, brancas/num prodigioso silêncio. É a visão mais viva, a mais violenta e mais suave, quase imperceptível./[...] A luz é vagarosa, vemos como animais/através da água” (Ramos Rosa, 1986: 27). Aqui, à semelhança daquilo que acontece em toda a Bacia do Mediterrâneo, a água assume, historicamente, um papel de relevo tanto na organização da paisagem, como na organização social. Com efeito, o processo de formação socioespacial do território do Barrocal, coração do Geoparque, reflete de modo inequívoco a importância da água como elemento matricial e fundacional associada à concentração do povoamento, num primeiro tempo, e à dispersão intercalar, mais recentemente, em virtude de um longo passado de insegurança e de raridade de pontos de água, pelo que tradicionalmente este valioso

recurso tinha de “buscar-se, ao lombo dos burros ou em carros de muars, em grandes cântaros de barro, às vezes a léguas de distância” (Ribeiro, [1945] 1991: 162). Sempre a água (ou a falta dela) como uma das expressões mais identitárias da paisagem meridional portuguesa, também ela inspiradora da poesia de Eugénio de Andrade ([1974] 1983: 35) que sobre o Sul escreve “Pelo azul da pedra vê-se que é verão/à beira do tanque os aloendros devem estar em flor/as águas refletem o silêncio” (Figura 3).



FIGURA 3. Tanque de armazenamento de água para rega, Salir, Rota da Água. Fonte: Desidério Batista (2022)

A água, nos seus fluxos e ciclos, nos seus extremos (seca e torrencialidade) e origens (superficial e subterrânea), esteve desde sempre ligada à história da Humanidade, não só no que se refere à sua utilização, mas também nos mitos, valores, referências filosóficas e metáforas a ela associadas. No que respeita aos principais objetivos de uso da água, podem diferenciar-se dois tipos de culturas: uma, a cultura do regadio, bem expressa na paisagem do Geoparque, quer através de açudes e levadas a partir da utilização da água das ribeiras, quer de noras, aquedutos e tanques a partir da utilização da água dos aquíferos; e, outra, a cultura da drenagem, nas zonas encharcadas em que a agricultura, dificultada pelo elevado nível freático, exige processos de enxugo.

Na realidade,

the story of water, engineering and landscape is about the progressive and continuing human ambition to control the spatial and temporal pattern of water availability. Through history societies have sought to make wetlands drier and drylands wetter; to make the environment more predictable, reducing the risks of flood and drought. This story is as much a social story as a technological one, and the theme is particularly timely as we are currently witnessing a dramatic change of our fundamental attitudes to both water development and environmental protection (Petts, 1990: 189).

Atualmente, é premente considerar-se no âmbito da gestão da paisagem da água o seu potencial ecológico, a biodiversidade, a dimensão patrimonial (material e imaterial), assim como a sua riqueza cénica e paisagística.

1.2. Rotas e percursos turísticos de descoberta da paisagem da água do Geoparque

Via, rota, itinerário, percurso são diferentes designações para definir a ideia de percorrer o território, geralmente através de traçados pré-existentes e mediante distintos modos de mobilidade, nomeadamente motorizada (carro e moto), pedonal, de bicicleta ou a cavalo. Historicamente, os itinerários religiosos, militares e comerciais surgem intrinsecamente associados à morfologia do território e às linhas fundamentais do relevo (festos e talvegues) por serem as que asseguram quer a troca/distribuição e recolha de recursos (água), bens (alimentares) e materiais (lenha, etc.), com menores gastos de energia, quer as melhores condições de defesa e controlo do território (Barreto; Dentinho & Castelo Branco, 1969). O processo histórico de organização e gestão da paisagem revela que a interdependência entre bacias hidrográficas confinantes e a interseção tanto das linhas de festo ou de cumeada, como dos talvegues ou linhas de drenagem natural (água, vento, sedimentos, etc.) determinam pontos notáveis da paisagem relacionados com os percursos da água (distribuição ou acumulação, respetivamente) e os percursos humanos (convergência ou disjunção), e cuja inter-relação constitui a base do processo de humanização e estruturação da paisagem mediterrânica (Batista, 2015).

A paisagem do Geoparque Algarvensis, caracteristicamente mediterrânica, reflete este modelo de ocupação e organização espacial, em que os percursos da água e os percursos humanos assumem, enquanto ocorrências lineares de organização espacial, um

papel matricial primordial associado ao seu poder de conectividade física, ecológica e social. Como refere Careri (2002), a história da Humanidade está desde os primórdios vinculada às incessantes caminhadas dos primeiros seres humanos, exigidas pelas atividades de recolção, caça e pastorícia e que estarão na origem de um primeiro mapeamento do espaço, a que se juntou a atribuição de valores simbólicos e estéticos e a consequente génese da arquitetura da paisagem. Neste sentido, os percursos, primeiro como marcas invisíveis do mapa nómada que conectavam pontos nevrálgicos do território, como poços, oásis, pastagens e lugares sagrados (Careri, 2002) e, depois, como estruturas inteligíveis do mapa sedentário relativas à organização dos assentamentos humanos e dos campos agrícolas (Deleuze & Guattari, 1980), conferem ao espaço ordem cultural, organizando e construindo a paisagem, primeiro simbolicamente e depois arquitetonicamente. Em ambos os casos, a água surge relacionada com a ideia de percurso como elemento fundacional, conectada ao ato de andar no espaço nómada (poços, oásis) e à apropriação e mapeamento do espaço sedentário (agricultura, habitat humano).

É esta inter-relação profundamente intrincada entre a presença (in)visível da água e os percursos/rotas que se consubstancia nos exemplos de rotas e percursos de descoberta da paisagem cársica implementados no Geoparque Algarvensis, nomeadamente, o Percurso Pedestre da Fonte Benémola, próximo de Querença; a Rota da Água da Ribeira do Cadouço, perto de Loulé; o Percurso das Fontes do Arade, junto a Silves; o Percurso do Planalto do Escarpão pelas margens da Ribeira de Quarteira e que corresponde a uma área cársica onde a água se infiltra por dolinas e sumidouros, recargando o aquífero; ou a Rota da Água/Percurso Pedestre do Almarginho, adjacente a Salir. É este que passamos a identificar e a descrever ainda que muito sumariamente. A Rota da Água/Percurso Pedestre do Almarginho (PR de Salir), localizado a sudoeste de Salir, com a qual se relaciona espacialmente tendo como ponto de partida e de chegada a Fonte Figueira, numa extensão de 3,6 km, é em parte coincidente com a Via Algarviana que une transversalmente o interior da região algarvia (Alcoutim) ao Cabo de S. Vicente no extremo litoral ocidental do Algarve (Figura 4).

O percurso circular do Almarginho permite percorrer a várzea por antigos caminhos rurais associados à atividade agropecuária e tem como pontos de interesse estruturas que revelam o papel e a importância da água, superficial e subterrânea, tanto na exploração das terras férteis para a produção de alimento como no abastecimento doméstico e abeberamento do gado. A toponímia dos cinco pontos de interesse da rota reflete exatamente o protagonismo da água na história natural e cultural da paisagem de Salir: a Fonte

da Figueira, antigo poço há algumas décadas coberto com laje e munido de roda manual para extração de água, tem um dispositivo muito particular que permite adaptar-se à intermitência da água (torrencialidade e escassez). O seu carácter social de local associado tradicionalmente ao encontro, convívio e estadia foi reforçado, tendo sido equipado com mesa e bancos.



FIGURA 4. Percorso pedestre Rota da Água, Salir. Fonte: Desidério Batista (2022)

No Almaginho, a fertilidade dos aluviossolos e a presença de um farto aquífero possibilitou a agricultura de regadio a partir de noras e tanques que elevam e armazenam a água para depois ser distribuída pelas hortas e pomares. Este sistema de regadio tradicional dá visibilidade e utilidade à água, sem a qual algumas culturas pouco ou nada produziam, diversificando a economia familiar e a dieta local (vegetais, legumes, hortaliças, leguminosas, frutos). A grande concentração e diversidade de noras (de eixo curto, de eixo comprido, alteadas), talvez a maior do Algarve depois da Campina de Faro, revela uma paisagem e um património da água de grande interesse e valor sociocultural que, vinculadas à cultura mediterrânica, constituem certamente um elemento de atratividade turística e cultural.

Esta expressão identitária e valorizadora da Rota surge igualmente correlacionada ao ponto 4 – as Quatro Ribeiras – que, para além disso e como o próprio topónimo indica, se associa a quatro cursos de água

temporários: o Barranco da Ameijoafra, o Barranco dos Arrodeiros, o Ribeiro da Brazieira, cuja junção dá origem, neste ponto, à Ribeira dos Moinhos. O regime torrencial que os caracteriza impossibilita que o percurso se faça aquando da ocorrência de fortes aguaceiros, apesar da presença de antigas poldras, uma vez que ficam submersas com as enxurradas. Como o nome revela, nesta Ribeira, localizavam-se oito moinhos de água, estruturas de moagem hoje desaparecidas pela sua conversão em edifícios com outros usos. O ponto 3, localizado antes do anterior, corresponde à Ponte do Olho, topónimo que revela a presença de um “olho de água”, ou seja, de uma exurgência dos mananciais subterrâneos que durante décadas abasteceu de água a aldeia de Salir. Esta ponte cruza a Ribeira dos Moinhos que na época das chuvas drena um caudal volumoso pela acumulação da água das vertentes meridionais da Rocha da Pena.

Por último, e ainda relacionado com as precipitações que descarregam na Rocha da Pena, surge o ponto 5 – Ribeiro da Brazieira que resulta do escoamento superficial das águas que drenam pelas encostas sul e nascente daquele relevo calcário.

Fazendo eco do pensamento de Mohammed El Faiz (2018: 284), cremos que só o estudo e salvaguarda do património hidráulico como bens materiais (infraestruturas hidráulicas) e imateriais (práticas e técnicas de regadio, cultura da água), e a sua valorização económica na perspetiva de um desenvolvimento turístico e cultural, possibilitará que a herança recebida possa ser conhecida e divulgada. As rotas e os percursos turísticos de carácter didático e pedagógico sobre a paisagem e o património da água no território do Geoparque Algarvensis constituem, de facto, um meio privilegiado para aproximar os visitantes à memória coletiva e identidade cultural do interior algarvio, e experienciar na proximidade da comunidade local os modos tradicionais de cultivar, regar e colher produtos locais que se podem adquirir ou saborear nos restaurantes da região e, deste modo, contribuir para a perpetuação da dieta mediterrânica enquanto património cultural imaterial da Humanidade.

2. Literatura e paisagem no território do Geoparque

2.1. Eventos e itinerários literários

O território do Geoparque tem sido lugar de realização de vários eventos diretamente relacionados com a literatura. Segundo Quinteiro, Gonçalves e Carreira (2019), duas das principais expressões do turismo

literário são os festivais e os itinerários. Ambos têm representação no território do Geoparque.

Um dos eventos mais significativos é a realização do *Festival Literário Internacional de Querença* (FLIQ) que teve quatro edições, de 2016 a 2019. Dedicadas à divulgação de agentes e instituições promotoras dos livros e da literatura, as quatro edições do FLIQ foram organizadas pela Fundação Manuel Viegas Guerreiro, localizada na vila de Querença, concelho de Loulé, em pleno Geoparque Algarvensis. Sendo Querença uma localização relativamente descentralizada dos grandes centros turísticos algarvios, a organização do FLIQ concentra, durante três dias por ano, um número considerável de visitantes em torno de discussões e apresentações literárias dirigidas a vários tipos de público e faixas etárias. O evento alia a homenagem a escritores algarvios, sendo o festival dedicado a um autor a cada ano, com temas abrangentes para os quais convergem vários outros autores e discussões não necessariamente focadas na região algarvia. Após uma interrupção de dois anos, o evento foi retomado em 2022. A par da literatura, são promovidas outras expressões artísticas, tais como a música e as artes plásticas, e é favorecida a interação entre os habitantes locais, as suas tradições e os visitantes.

Mesmo sem a organização do FLIQ, a Fundação Manuel Viegas Guerreiro tem continuado, ao longo dos últimos dois anos, a promover a literatura através de vários projetos e iniciativas, nomeadamente no âmbito da literatura patrimonial portuguesa. O projeto *Romanceiro*, iniciado em 2013 e ainda em curso, destina-se à salvaguarda e à promoção, através de uma plataforma digital, do arquivo do *Romanceiro Português*.

Outra iniciativa que merece destaque pelo facto de articular literatura e turismo cultural é a *Rota Literária do Algarve*, desenvolvida por Quinteiro e Baleiro (2019), um projeto financiado pelo Orçamento Participativo de Portugal. Esta rota constituída por dezasseis itinerários literários, distribuídos por toda a região algarvia, dá a conhecer, simultaneamente, autores (algarvios e não algarvios) e lugares, maioritariamente urbanos, entre os quais se estabelece uma articulação. Na área do Geoparque Algarvensis, estabelecem-se pelo menos três destes roteiros literários, designadamente: o da aldeia de Alte; o de Silves; e o do Ameixial. Destacamos dois deles, o de Alte, pela sua relação com a paisagem da água, nomeadamente com a ribeira de Alte e com as suas fontes, e o do Ameixial, pois, apesar de se localizar na serra e não no barrocal, constitui um exemplo da articulação da literatura com uma paisagem rural, objetivo deste artigo.

O roteiro literário de Alte é dedicado ao poeta Cândido Guerreiro, estabelecendo um diálogo entre a vida e obra do autor e os lugares que o inspiraram

ou foram palco dos momentos marcantes da sua vida (Baleiro; Quinteiro; Martins et al., s.d.; Quinteiro & Baleiro, 2019). Deste itinerário fazem parte dois lugares relevantes na paisagem da água do Geoparque, a Fonte Grande e a Fonte Pequena, ambas exurgências ou nascentes, com origem no já mencionado aquífero Querença-Silves, que alimentam a ribeira de Alte. Estas fontes constituíram, desde sempre, uma importante forma de abastecimento de água à população de Alte, para o desenvolvimento de várias atividades económicas e domésticas, tais como a agricultura, moagem ou o curtir do esparto, ainda hoje testemunhado na toponímia local. A Rua dos Pisadoiros, onde se pisoava o esparto depois de demolhado vários dias na ribeira, é também um local de paragem deste itinerário (Baleiro; Quinteiro; Martins et al., s.d.). Outros locais com interesse para as paisagens da água e que se localizam nas imediações deste itinerário são a Fonte do Vigário, uma queda de água identificada como um dos locais de interesse geológico do Geoparque, e o moinho da Levada, um dos nove moinhos que existiam nesta zona.

O roteiro que se localiza na aldeia do Ameixial, em plena Serra do Caldeirão, designa-se propositadamente de Caminhada do Ameixial, pelo desejo de se integrar no *Festival de Caminhadas* que se realiza anualmente nesta localidade, desde 2013 (Quinteiro & Baleiro, 2019). É um itinerário linear com cerca de 4 km de extensão que, pela ausência de uma relação direta com algum escritor ou obra literária, tem como propósito dar a conhecer a paisagem e os modos de vida da serra algarvia, recorrendo a textos de vários autores que a descrevem (Quinteiro & Baleiro, 2019; Quinteiro; Baleiro; Simonot et al., 2019).

Uma pesquisa mais aprofundada revelaria certamente outros eventos mais difusos como tertúlias, conferências e lançamentos de novas obras, que acontecem nos três concelhos que fazem parte do território do Geoparque, onde a promoção da literatura se assume como um aspeto central.

2.2. Literatura, paisagem da água e turismo cultural no Barrocal algarvio

Segundo Quinteiro e Baleiro (2014: 12), na literatura de turismo, “incluem-se textos literários que têm a capacidade de acrescentar valor turístico a um lugar”. No caso do Geoparque Algarvensis, a relação entre literatura e turismo pode ser feita essencialmente de dois modos. Por um lado, por este lugar ser local de nascimento ou de residência de determinados escritores, ainda que a sua obra possa não incidir em parte ou na sua totalidade sobre este lugar. Por outro, pela descrição de determinados lugares e de

paisagens no decurso da narrativa de obras literárias, a que Lopes (2008) designa como regionalista, ou seja, onde

os autores descem obrigatoriamente à terra e às suas fortes ligações anímicas, sociais e culturais, entrosando tudo com a geografia típica da província onde a acção se desenrola e com o modo de vida das populações que retratam. Esta tendência supõe mesmo uma imersão nesse modo de vida, de uma maneira muito mais absoluta do que a que os cientistas sociais denominam de observação participante. Parte da herança e capitalização de um manancial de situações «únicas», em que a terra ou o mar e as suas gentes, com a sua religiosidade, superstições, alimentação, profissões ou ocupações, modos de vida, sentimentos, vestuário, folclore e as suas características linguísticas são a matéria original que os escritores transfiguram, de forma mais ou menos profunda, conforme a sua capacidade de captação e de transformação paradigmática do real (2008: 161).

A recolha sobre literatura algarvia e, em particular, sobre a área de paisagem do barrocal é ainda escassa. Como afirma Nogueira (2013), a pesquisa e o debate sobre literatura regional (no Algarve, mas também no resto do país) não tem sido objeto sistemático de investigação e, mesmo nas obras que se debruçam sobre este tema, o Algarve não tem tido um particular destaque. É, apesar disso, possível identificar um conjunto de obras que se dedicaram a inventariar literatura que se debruça sobre o Algarve e sobre autores algarvios, bem como obras que, num registo por vezes quase etnográfico, descrevem paisagens e suas dinâmicas, usos, costumes e características linguísticas do Barrocal algarvio.

Pelo seu carácter coletâneo, identificam-se três referências. São estas *Algarve todo o mar* de Torgal e Ferreira (2005), *Viajantes, escritores e poetas: Retratos do Algarve* de Carvalho e Oliveira (2009) e *A criação literária e o Algarve, no Algarve ou do Algarve? Reflexões sobre literatura regional(ista)* de Nogueira (2013). Em todas estas obras, são identificados textos, em prosa e poesia, que assumem o Algarve como tema central ou escritores que têm ou tiveram no Algarve o seu local de nascimento.

No que respeita a obras cujo espaço narrativo se desenvolve na paisagem do barrocal, identificam-se, por exemplo, dois romances de Lídia Jorge, *O dia dos prodígios* (1980) e *Cais das merendas* (1983). Outra autora que se debruça sobre a paisagem do Barrocal inscrita no Geoparque é a holandesa, radicada no Algarve, Tessa Loo, que, na obra *Dann, um cão*

português com patinhas de veludo, descreve a paisagem de espaços concretos de Alte e da Ribeira do Algre (Nogueira, 2013).

Para além da literatura canónica (autores com reconhecimento nacional e internacional), é também na literatura não canónica, relativa a autores que apesar da sua qualidade “não foram adotados pelos programas escolares nem publicados em editoras com expressão nacional” (Nogueira, 2013: 86), que se encontra uma forte expressão da literatura regionalista. É o caso de Rogério Silva que, nos seus livros de contos – *Contos do Barrocal* (1998) e *Fonte salgada* (2008) –, descreve paisagens, tradições agrícolas, costumes e expressões linguísticas típicas de uma realidade regional, marcadamente distanciada de referências nacionais e globais, que reforçam a identidade da Unidade de Paisagem do Barrocal. Em *Contos do Barrocal*, são inúmeras as passagens que descrevem as características naturais desta unidade de paisagem, bem como as suas dinâmicas associadas ao ciclo hidrológico, onde os períodos de seca e de cheia marcam com a sua sazonalidade a paisagem, os percursos disponíveis, os trabalhos agrícolas, a riqueza das colheitas, mas, também, a perda de bens, animais e vidas humanas. A rápida transição entre a seca e a cheia é abordada por Silva (1998) no conto “O Miserinha”. No início da narrativa, o personagem principal atravessa sem preocupações uma ribeira, com recurso a uma travessia em poldras, “tanto mais que nessa época apenas correria um fiozinho de água. Se corresse, que a seca ia demorada” (Silva, 1998: 68). Apenas um par de horas depois, toda a realidade mudou:

Grossas nuvens enovelavam-se e comprimiam-se, desassossegadas, como se há muito lá estivessem esperando apenas um sinal para matar a longa sede da terra [...] nem se deu conta do ruído que ia crescendo na ribeira. A forte chuvada tinha enchido barrancos e regatos que naquela despejavam uma aguada barrenta e revolta. À frente da enxurrada, pedras, troncos e pasto, arrastados pelo leito ressequido e solto, formavam um montão que se movia vagarosamente, produzindo um barulho semelhante ao de trovoadas contínuas e longínquas. Era sinal de alarme que os camponeses das margens conheciam e os fazia estremecer [...]. Por toda a várzea ecoavam já gritos de aflição. [...] A cheia galgara já as margens [...]. Era um trabalho de meses, duro e pertinaz, para construir aquelas leiras. Tudo esmagado numas horas. [...] Sina amarga daquelas terras. Ainda ontem se chorava a longa estiagem, que secara poços e noras, quase matando de sede o arvoredado. Sem aviso se derramava hoje o dilúvio (Silva, 1998: 72-76).

Em muitos outros contos, Rogério Silva evoca o Barrocal, a sua geomorfologia, a vegetação natural e cultural, o povoamento e as técnicas e os materiais que hoje se reinventam como artesanato – “Passou os dias seguintes colhendo rosmaninho por corgos e encostas, atando-o em pequenos feixes e transportando-o em alcofões de esparto” (Silva, 1998: 53).

O monte tinha, por essa altura umas cinquenta pessoas. Não eram mais do que doze casebres brancos, acaçapados no fundo do vale, rodeados por colinas pedregosas, quase estéreis, onde apenas medravam tojos, urzes e giestas, envolvidas pelo frugal e perfumado rosmaninho, e em cujas encostas, talhadas quase a pique, formavam denso enraçado, assim se desenvolvendo desde o começo da vida, madressilvas, aroeiras, medronheiros (Silva, 1998: 60).

Obras como as de Rogério Silva poderão, sendo objeto de estudo, apoiar o desenvolvimento turístico de um conjunto de lugares e percursos na área do Geoparque.

Terminamos acrescentando ainda uma referência, a *Viagem a Portugal* do Nobel português José Saramago que, podendo ser considerada literatura de viagem, também poderá servir de apoio à criação de percursos que articulem as paisagens da água, a literatura e o turismo no âmbito do Geoparque Algarvensis. No seu percurso por terras portuguesas, em que o próprio autor se assume como um viajante e não como um turista, Saramago não deixa de referir o território do interior algarvio, integrante do Geoparque, “... segue para norte, caminho da serra. Passa a ribeira de Algre, ao lado da aldeia da Tôr” (Saramago, [1983] 1995: 612).

Conclusão

Face àquilo que tem vindo a ser exposto, consideramos que a construção do futuro do Geoparque Algarvensis assumirá o reforço da trilogia: paisagem da água, literatura e turismo cultural (em fase embrionária), como referência para a sustentabilidade e resiliência do Barrocal, enquanto território à margem da principal oferta turística do Algarve, associada ao sol e à praia. Ao contrário do litoral, que corresponde a uma unidade de paisagem no geral descaracterizada, com escassos vestígios de uma identidade quase totalmente perdida, a unidade de paisagem do Barrocal, a que corresponde a segunda maior área cársica do país, com inúmeros sítios que testemunham a sua importância e interesse, apresenta uma identidade média a elevada, relacionada tanto com a sua componente biofísica

(geologia, relevo, solos, água, vegetação), como com a humanização, no geral coerente com aquela componente (Abreu; Correia e Oliveira, 2004: 201).

É, exatamente, na recuperação e valorização dos aspetos que determinam a identidade do Barrocal, nomeadamente os muros de pedra solta e os pomares de sequeiro associados às encostas do relevo ondulado e o sistema de regadio tradicional (açudes, levadas, noras, aquedutos, tanques) e as hortas nos vales, historicamente ligados à socioeconomia tradicional, que se constrói o futuro do Geoparque. Se a continuação da presença da população tradicional, com forte ligação à terra, é o garante da perpetuação de práticas, técnicas e paisagens que têm merecido a atenção da literatura através da descrição de cenários e personagens marcadamente identitários do interior algarvio, também o caráter mediterrânico da sua vegetação natural profundamente aromática e cromaticamente muito diversificada, determinada pela conjugação dos calcários, das fracas precipitações e do elevado índice térmico, tem inspirado narrativas de grande interesse geobotânico e ambiental, e de grande poder evocativo.

Um turismo sustentável, baseado numa economia circular e que beneficie as populações locais, que valorize para além do património natural e cultural, também o património imaterial preservado nos costumes e saberes, na gastronomia, no artesanato, será certamente uma atividade económica que poderá ajudar a manter e a fixar a população de que estas paisagens necessitam. A literatura poderá, aliada ao turismo, contribuir para a criação de modelos e estratégias de turismo alternativas ao que é convencionalmente oferecido pela região algarvia, abrindo à descoberta uma outra paisagem e uma outra cultura ainda desconhecidas de tantos que se deslocam à região.

Referências bibliográficas

- [1] Abreu, Alexandre C.; Correia, Teresa P. & Oliveira, Rosário (2004). *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal Continental*, vol. V. Lisboa: Direção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano.
- [2] Andrade, Eugénio de [1974] (1983). *Escrita da terra*. Porto: Limiar.
- [3] Baleiro, Rita; Quinteiro, Sílvia; Martins, Paula et al. (s.d.). *Passeio literário – Cândido Guerreiro: O poeta de Alte*. Faro (policopiado).
- [4] Barreto, António V.; Dentinho, Álvaro & Castelo Branco, António (1969). *Ordenamento paisagístico do Algarve*. Lisboa: Direção Geral dos Serviços de Urbanização.
- [5] Batista, Desidério (2015). Os percursos enquanto estruturas arquitetónicas tradicionais da paisagem mediterrânica: O caso das azinhagas de Lisboa. In Miguel R. Costa et al. (Eds.), *Arquitetura tradicional no Mediterrâneo Ocidental* (pp. 90-94). Lisboa: Argumentum.
- [6] Batista, Desidério & Silva, Paula G. (2021). Expressão da geodiversidade na paisagem do Geoparque Algarvensis: Contributos para a sua identificação e caracterização. In Mónica Sousa (Ed.), *XLI-CAP – Curso de atualização de professores em geociências “À descoberta do aspirante Geoparque Algarvensis”*: Livro de resumos (pp. 13-24). Lisboa: Associação Portuguesa de Geólogos.
- [7] Calvino, Ítalo [1972] (2016). *As cidades invisíveis*. Lisboa: Livros RTP.
- [8] Careri, Francesco (2002). *Walkscapes: Walking as an aesthetic practice*. Barcelona: Gustavo Gili.
- [9] Carvalho, João & Oliveira, Cristina (2009). *Viajantes, escritores e poetas: Retratos do Algarve*. Lisboa: Edições Colibri.
- [10] Deleuze, Gilles & Guattari, Félix (1980). *Capitalisme et schizophrénie: Mille plateaux*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- [11] Duras, Marguerite (1987). *Emily L*. Lisboa: Livros do Brasil.
- [12] El Faiz, Mohammed (2018). *Os mestres da água: História da hidráulica árabe*. Olhão: Sul, Sol, Sal.
- [13] Gomes, Carlos Pinto (1998). *Estudo fitossociológico do Barrocal Algarvio* (Tese de doutoramento). Universidade de Évora.
- [14] Gomes, Carlos Pinto & Ferreira, Rodrigo Paiva (2005). *Flora e vegetação do Barrocal Algarvio (Tavira-Portimão)*. Faro: Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve.
- [15] Guerreiro, Manuel G. (1989). O Algarve Mediterrâneo no contexto nacional. In Manuel G. Guerreiro (Coord.), *O Algarve na perspectiva da antropologia ecológica* (pp. 361-381). Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- [16] Lopes, Ana Maria (2008). Diferenças regionais e seus reflexos na literatura. *Portugal: Percursos de Interculturalidade*, 3, 161-164.
- [17] Nogueira, Adriana (2013). A criação literária e o Algarve, no Algarve ou do Algarve? Reflexões sobre literatura regional(ista). *Quintas da Cultura*, 73-99.
- [18] Petts, Geoff (1990). Water, engineering and landscape: Development, protection and restoration. In Denis Cosgrove & Geoff Petts (Eds.), *Water, engineering and landscape* (pp. 188-208). London: Belhaven Press.
- [19] Quinteiro, Sílvia & Baleiro, Rita (2019). A rota literária do Algarve: Uma rota improvável. *Cultur*, 13(2), 98-114.
- [20] Quinteiro, Sílvia & Baleiro, Rita (2014). Uma personagem à procura da literatura: A ficção literária e a prática turística. *Dos Algarves: A Multidisciplinary e-Journal*, 24, 10-27.
- [21] Quinteiro, Sílvia; Gonçalves, Alexandra R. & Carreira, Vivina (2019). Caracterização e análise do potencial de desenvolvimento do turismo cultural literário em Coimbra. Characterization and analysis of the potential for the development of cultural literary tourism in Coimbra. *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, 59, 85-99. Disponível em <http://review-rper.com/index.php/rper/article/view/162>
- [22] Quinteiro, Sílvia; Baleiro, Rita; Simonot, Catherine et al. (2019). A Rota Literária do Algarve. Itinerários, desafios e estratégias do processo de tradução para francês. *OMNIA*, 9(2), 17-24. <https://doi.org/10.36113/cultur.v13i2.2638>
- [23] Ramos Rosa, António (1986). *Volante verde*. Lisboa: Moraes Editores.
- [24] Ribeiro, Orlando [1968] (2011). *Mediterrâneo. Ambiente e tradição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- [25] Ribeiro, Orlando [1945] (1991). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- [26] Saramago, José [1983] (1995). *Viagem a Portugal*. Lisboa: Caminho.
- [27] Silva, Rogério (2008). *Fonte salgada*. Olhão: Ed. Gente Singular.
- [28] Silva, Rogério (1998). *Contos do Barrocal*. Olhão: Soc. Editora do Algarve.
- [29] Torgal, Adosinda & Ferreira, Madalena (2005). *Algarve todo o mar*. Lisboa: D. Quixote.
- [30] Veiga-Pires, Cristina & Oliveira, Sónia (2021). O aspirante Geoparque Algarvensis. Loulé – Silves – Albufeira. In Mónica Sousa (Ed.), *XLI-CAP – Curso de atualização de professores em geociências “À descoberta do aspirante Geoparque Algarvensis”*: Livro de resumos (pp. 1-6). Lisboa: Associação Portuguesa de Geólogos.